

A estética francesa nos “feuilletons-romans” de Inglês de Souza: ecocrítica e imaginários do antropoceno no contexto amazônico

Danielly Samara Mafra Pereira

Desleitura

ISSN 2764-006X — Número 15 - jan. | fev. 2026

[Recebido em 10 jan. 2026, aceito em 02 fev. 2026]

<https://doi.org/10.56372/desleitura.v15i15.237>

Danielly Samara Mafra Pereira
Mestra em Sociedade, Ambiente e Qualidade
de Vida (Universidade Federal do Oeste do Pará),
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa
e Extensão Cultura, Identidade e Memória
na Amazônia (GEPI-CIMA CNPq/UFOPA)
e do Grupo Epistemologia do Romance (CNPq/UnB).
E-mail: ls6699470@gmail.com

Itamar Rodrigues Paulino
Doutor em Teoria Literária pela UnB, Professor e pesquisador na Universidade Federal do Oeste do Pará, coordenador do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (PROEXT-CIMA) e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (PPGSAQ), ambos da Ufopa.
E-mail: itasophos@gmail.com.

Resumo: Analisa-se a influência do romance-folhetim francês na literatura brasileira, destacando a obra de Herculano Marcos Inglês de Souza como expressão amazônica desse gênero. Inspirado por autores como Émile Zola, Inglês de Souza adapta o folhetim ao contexto da Amazônia, transformando-o em uma ferramenta de análise social sob a lente da ecocrítica. Ao narrar as tensões do Realismo e o Naturalismo em obras como *História de um pescador* (1876) e *O cacauleta* (1877), Inglês de Souza não descreve apenas a paisagem, mas registra os imaginários do antropoceno, revelando o impacto da exploração humana sobre o bioma. Discute-se como sua escrita atua como uma memória longa da catástrofe, denunciando injustiças e a invisibilização de sujeitos frente ao avanço da lógica colonial. Apoiando-se em autores como Josef, Coutinho e Kaviski, constata-se que a produção ingleziana constitui um arquivo ético essencial para pensar a crise ecológica atual e a resistência da identidade amazônica dentro do panorama nacional.

Palavras-chave: Literatura. Inglês de Souza. Romance-folhetim. *História de um Pescador*. *O cacauleta*.

Abstract: Analyzing the influence of the French serialized novel on Brazilian literature, highlighting the work of Herculano Marcos Inglês de Souza as an Amazonian expression of this genre. Inspired by authors such as Émile Zola, Inglês de Souza adapts the serialized novel to the Amazonian context, transforming it into a tool for social analysis through the lens of ecocriticism. By narrating the tensions between Realism and Naturalism in works such as *História de um pescador* (1876) and *O cacauleta* (1877), Inglês de Souza not only describes the landscape but also records the imaginaries of the Anthropocene, revealing the impact of human exploitation on the biome. It discusses how his writing acts as a long memory of catastrophe, denouncing injustices and the invisibility of subjects in the face of the advance of colonial logic. Drawing on authors such as Josef, Coutinho, and Kaviski, this research argues that Inglês's work constitutes an essential ethical archive for understanding the current ecological crisis and the resistance of Amazonian identity within the national context.

Keywords: Inglês de Souza. French serialized novel. *História de um pescador*. *O cacauleta*.

Introdução

O presente artigo **traz** ao debate o romance folhetim (*feuilleton-roman*) de Herculano Marcos Inglês de Souza, um escritor de origem amazônida do século XIX que **traz** uma ecocrítica por meio da estética literária francesa e com pioneirismo, as crises ambientais no enredo literário expondo o uso desenfreado dos recursos naturais e também da lógica exploratória colonizadora e a política colonialista sobre a existência humana na Amazônia.

A literatura do *feuilleton-roman* de Inglês de Souza, traz a vida sintonizada dos povos incluindo indígenas, ribeirinhos e as diversas populações existentes na floresta que foi colocada no espaço do esquecimento por cronistas da história do Brasil, bem como seu modo cultural de viver e conviver na região, que se tornou invisível, diante do interesse colonizador exclusivo pela posse e pilhagem dos recursos pertencentes ao bioma amazônico, essenciais à vida das populações originárias.

Fazer a leitura da estética literária de Inglês de Souza na atualidade, é **trazer** ao debate confrontos sobre uma matriz histórica das crises que ainda nos atravessam como a devastação ambiental que iniciou com a vinda colonizadora e que perdura nos dias de hoje, bem como a exploração de corpos e territórios e a persistência de narrativas que silenciam sujeitos periféricos.

Nesse sentido, analisaremos a influência do romance-folhetim francês na literatura brasileira, destacando a obra de Herculano Marcos Inglês de Souza como expressão amazônida desse gênero. Inspirado por autores como Émile Zola, Inglês de Souza adapta o folhetim ao contexto da Amazônia, transformando-o em uma ferramenta de análise social sob a lente da ecocrítica. Ao narrar as tensões do Realismo e o Naturalismo em obras como *História de um Pescador* (1876) e *O Cacauleta* (1877), Inglês de Souza não descreve apenas a paisagem, mas registra os imaginários do antropoceno, revelando o impacto da exploração humana sobre o bioma. Discutiremos como sua escrita atua como uma memória longa da catástrofe, denunciando

injustiças e a invisibilização de sujeitos frente ao avanço da lógica colonial. Apoiando-se em autores como Josef, Coutinho e Kaviski, constata-se que a produção ingleziana constitui um arquivo ético essencial para pensar a crise ecológica atual e a resistência da identidade amazônida dentro do panorama nacional.

Tecendo literatura

A literatura do século XIX no Brasil, é marcada por uma intensa troca de influências culturais e literárias com o continente europeu, especialmente com a França, manifestado em diversos estilos e gêneros. Estas influências são refletidas em obras brasileiras que, em contextos de transformações políticas e sociais locais, traçaram em busca de uma identidade nacional.

Nessa época a França era o maior centro irradiador e exportador de arte, culinária, alta costura e modismos, sendo referência cultural em todo o mundo, inclusive no Brasil. Viajar à Paris pelo menos uma vez ao ano, mais do que simples protocolo, era para as elites brasileiras uma forma de renovar os seus vínculos citadinos e burgueses (Neger, 2018, p.4).

A Amazônia, como parte do Brasil, foi uma das regiões que mais recebeu essa influência transformadoras por meio de um de seus ilustres escritores, o obidense Herculano Marcos Inglês de Souza. Sua estética literária é evidenciada em sua perspicácia e sensibilidade em retratar a identidade do ser amazônida, detalhando existências de povos muitas vezes ignoradas pela literatura nacional que insistia em retratar apenas modelos europeus mesclados a uma literatura brasileira ainda sob efeito estético europeu.

Nessa época, de acordo com Moisés (2016), também se estabelece o realismo como o início do progresso científico-filosófico-estético fundado numa realidade objetiva. Sobre a questão, podemos inferir que Paulino (2018) percebe o declínio do período romântico europeu dentro do Brasil em favor de escritores modernos já que estes, no Brasil, iniciaram a exposição de suas literaturas com novas tec-

turas, distantes daquilo que era inspiração lusitana. Neste sentido, o autor enfatiza que o naturalismo surgiu como uma literatura prosaica “contaminada pelo espírito republicano e que evidenciava considerar em suas obras temas como povos indígenas, reconhecimento da presença afrodescendente no território nacional e a descrição do ambiente” (Paulino, 2018, p. 87), ainda que as propostas literárias do naturalismo começavam a focar seus enredos em questões mais sociais do que individuais.

Em face disso, tornou-se fundamental tecer uma estrutura literária baseada nos contextos históricos, sociais e culturais que o Brasil atravessava, não somente como influência narrativa, mas também “de reconhecer autonomia e individualidade estética tanto às personalidades literárias isoladas como à estrutura na qual elas operam e à qual, com sua presença, dão vida” (Stegagno-Picchio, 2004, p. 21). Embora no século em que o romance fora escrito, as questões regionais fossem pouco focadas no escopo literário, Inglês de Souza propôs a si mesmo tornar sua obra o mais contingencial possível, protagonizando questões vinculadas à realidade ao trazer para o interior de seus textos romanescos no interior da Amazônia oitocentista.

A importância da Amazônia dentro dos espaços culturais e literários brasileiros não se restringe apenas à sua rica biodiversidade como é comumente apresentado. Ela se mostra como uma região forte e presente na história de povos que nasceram e encontraram na nela seu berço de proteção e sobrevivência por meio da intensa relação com os elementos naturais da região.

Entre os motivos que reiteram esse empoderamento está a grande diversidade floral e faunística local abrigada por entre rios, igarapés e igapós. Além desses elementos, destacam-se também os espaços sociais dessa extensa área pouco observada em nossa história com o devido valor cultural, literário, histórico e memorial, e com o devido respeito como um lugar sagrado unindo sociedade e espaço natural.

A Amazônia tem sido historicamente retratada através de imaginários eurocêntricos. Essas visões têm colocado a região em um pedestal exótico e selvagem, de focos exploratórios e co-

merciais. Os impactos causados profundamente a partir desses retratos, influenciaram as práticas políticas e ambientais que hoje a afetam. Assim, a região foi fruto de um impacto colonial (Souza, 2019). Esse imaginário colonizador frequentemente justifica a exploração e o desgaste que a Amazônia sofre, ignorando os saberes e as práticas culturais das populações locais.

Inglês de Souza e o Naturalismo inspirado na estética literária francesa

Dentre as correntes literárias, destacamos o Naturalismo, que surgiu no Brasil devido à maneira como Inglês de Souza conduziu seus escritos para uma nova literatura, apresentando cenas realistas da vida na Amazônia, tendo como base de sua prosa regionalista, a influência francesa e portuguesa por meio das estéticas realista e naturalista. A prosa regionalista nascera no último vintênio do século XIX sob a influência de Émile Zola e de Eça de Queirós, dando destaque aos primeiros tipos humanos e ambientais da galeria realista brasileira. Sobre o Realismo e o Naturalismo, Coutinho ilustra que:

Tendências gerais da alma humana em diversos tempos, como Classicismo e Romantismo, surgindo o Realismo sempre que se dá a união do espírito à vida, pela objetiva pintura da realidade. Dessa forma, há realismo na Bíblia e em Homero, na tragédia e na comédia clássicas. [...] Do mesmo modo, o Naturalismo existe sempre que se reage contra a espiritualização excessiva, como em certas expressões do erotismo barroco ou na ficção naturalista do Século XIX (1986, p. 4).

Neste enfoque, o escritor paraense incorporou o movimento no Brasil em 1876, com *Cenas da Vida Amazônica*, portanto cinco anos antes de Aluísio de Azevedo com sua obra *O mulato*, em 1881. Souza buscou apresentar uma realidade bastante objetiva vivida em ambientes sociais e naturais, e explorando ainda as relações humanas a partir de seu ego experimental sobre os dramas da floresta.

Segundo Kaviski (2014), ao unir-se com a ciência, elabora-se uma concepção de romance que se propunha como objetivo primordial representar a realidade social e que teve sua sùmula no “método experimental” de Émile Zola. Ainda que a estética realista-naturalista tenha suas especificidades no Brasil, o Naturalismo resultante da influência francesa, dialogou com as realidades locais destacando gradualmente questões sociais inflamadas nos anos oitocentos.

Assim, em todos os naturalistas predominava o espírito crítico, mas, com raras exceções no Brasil, “o naturalismo, que viu a abolição e a escravatura, não reflete a problemática da época. Pouco a pouco há uma ânsia de conhecimento mais profundo da realidade brasileira, seus fatores étnicos, ecológicos, suas instituições” (Josef, 1963, p. 11). Deriva daí, a preocupação em representar e também expor a diversidade cultural e as desigualdades sociais, havendo um reconhecimento da literatura como meio de abordagem crítica afrontando as injustiças ocorridas naquele período.

O escritor paraense retirou de cena a subjetividade e as idealizações que permeavam o romantismo de sua época e ressignificou o romance brasileiro difundindo “a objetividade e inquietações humanas, as angústias do homem, sua hereditariedade e a influência do meio no qual vive” (Gonçalves; Nogueira; Peres, 2021, p. 53). Desse modo, os elementos naturalistas incorporados à sua literatura transcenderam a mera descrição ambiental e se consolidaram como referências simbólicas e estéticas na representação do povo amazônida no século XIX.

Seus conflitos externos e internos, sua locomoção no espaço geográfico e social, abrem margens para discussões de temas históricos que colocam o leitor frente ao que é ficção e ao que é realidade por sobre um único eixo, o eixo epistemológico que serve de base para a construção dos romances inglesianos. Paixão (2004), ao falar sobre as influências deixadas pelos moldes europeus, identifica o lado científico de Inglês de Souza em razão dos conhecimentos fundados na realidade e de suas narrativas bastante naturalistas advindos da Amazônia, no pe-

ríodo em que a importância científica e industrial se enquadravam ao racionalismo científico:

Em uma época em que o Naturalismo privilegia a ciência, Inglês de Sousa traz toda uma bagagem de lendas, mitos nascidos na Amazônia, e mostra como o indivíduo se deixa dominar pelo medo ainda enraizado nos personagens que sofrem o canto sinistro do acauã, com a ameaça noturna da sucuri que pode emergir das águas dos rios a qualquer momento. Isso, no entanto, não impede o olhar do cientista, que é intercalado com críticas – quase delicadas – ao atraso de uma região que é vítima do esquecimento das autoridades (Pai-xão, 2004, p. 15).

João do Rio, em *O Momento Literário* (1908), revela que Inglês de Souza cultivava preferências literárias que iam além da influência de Zola e Eça de Queiroz, frequentemente associadas à sua formação e produção. Entre suas referências prediletas estavam romancistas e realistas, em sua maioria de origem francesa, como Honoré de Balzac, Gustave Flaubert e Alphonse Daudet, além do britânico Charles Dickens. Essas leituras marcaram sua instrução literária e contribuíram para a complexidade estilística e temática de suas obras.

A influência também desses autores é perceptível em suas obras, que combinam elementos do realismo e do naturalismo. João do Rio descreve as repostas de Inglês de Souza ao seu inquérito:

Cumprindo suas ordens, respondo às perguntas da circular que ele teve a gentileza de me enviar.

1º.- Os autores que mais contribuíram para minha formação literária foram Erkmann-Chatrrian, Balzac, Dickens, Flaubert e Daudet.

2º.- Dos poucos trabalhos que publiquei, prefiro o *Missionário*, embora seu trabalho não corresponda à minha maneira atual de ver e sentir a natureza. *O Missionário* é grosso e arrumado! Tem pelo menos mais cem páginas. No entanto, ele ainda escreveria alguns capítulos hoje, como o do caminho do Pai, o dia de Nico Fidencio, o enterro de Totonio Bernardino.

3º. A esta pergunta só podem responder bem aqueles que se entregam à crítica literária, o que Deus me defenda. Como fã de literatura, acredito que o lirismo é a forma que vai predominar na poesia, e do

romance, mesmo agora, é impossível tirar a preocupação social que está em todas as mentes. Para ser franco, considero essa questão das escolas de arte secundária: nem sequer estabeleço qualquer distinção entre obras literárias que não seja a de saber se o sujeito que se propõe a escrever para o público é ou não talentoso (Rio, 1908, p. 234-235).

Muitos enredos, inspirados no Positivismo europeu da época oitocentista, buscavam denunciar aspectos sociais, tornando-se até mesmo um retrato, diga-se camuflado, das realidades experienciadas nesses espaços sociais. Dolzani [Inglêz de Souza] pode assim, descrever em suas criações as aflições vividas nas extensões da província do Pará que também eram vividas no restante do Brasil.

O literato introduziu nas narrativas brasileiras “a contribuição de um estilo terso, plástico e vigoroso que modelará a matéria regionalista transmitindo-a em ‘formas brasileiras’ aos futuros descritores de situações e paisagens” (Stegagno-Picchio, 2004, p. 260). Neste sentido, o escritor usou características regionalistas evitando uma estética que desqualificasse os habitantes da Amazônia, tal como ocorria com os registros cronistas dos séculos anteriores a Souza, cujo enfoque estava em apresentar as populações da Amazônia de maneira exótica, pitoresca e, não poucas vezes bizarra. Seu gesto estético foi fundamental na apresentação de narrativas que conectassem os personagens e o meio natural da floresta, gerando impactos nas representações literárias da e sobre a região amazônica.

Feuilleton-romam de Inglêz de Souza

Inglêz de Souza, um dos primeiros escritores a retratar a vida na Amazônia, apresenta em *Cenas da Vida Amazônica* um olhar profundo sobre a realidade local. Seus folhetins narravam o cotidiano de personagens da região amazônica abrangendo os espaços urbano e rural sendo posteriormente reunidos pelo sócio do jornal, o editor e também bacharel em direito, Bento de Paula Sousa em formato de livros, surgindo

assim os primeiros volumes: *História de um Pescador* e *O Cacaulista* sendo este, continuação do primeiro. Em 1877, Inglês publicou no formato de livro o último romance da trilogia, *O Coronel Sangrado* que apareceu pela primeira vez nas páginas da *Revista Nacional de Ciências Artes e Letras* como uma extensão d’*O Cacaulista*.

Sobre os *feuilletons-romans* divulgados na segunda metade do século XIX, Souza se concentrou nas dinâmicas sociais internalizadas nos mais variados ambientes que serviram de base para que o escritor conseguisse construir sua literatura de expressão amazônida e sua grande contribuição para a Literatura Brasileira. O vínculo homem-região Amazônica foi amplamente usado por Souza na composição das três narrativas de *Cenas da Vida Amazônica*, focando nas interações humanas nem sempre harmoniosas nas vilas ribeirinhas adjacentes aos municípios de Óbidos e Alenquer – palcos centrais da trilogia –; expondo seus habitantes com seus típicos modos de sobrevivência como caça, pesca e outras atividades sociais essenciais.

O primeiro folhetim ingleziano, *História de um Pescador*, ocorreu na Amazônia colonizada de influência europeia, precisamente na região de rios do baixo Amazonas e como o título sugere, apresentou ao público o pescador José Marques, um tapuio ribeirinho, filho de Benedita e do pescador Anselmo Marques, residentes num pequeno sítio nas proximidades da fazenda Jacaretuba, pertencente ao município de Alenquer.

O segundo folhetim, *O Cacaulista*, localizou-se também em área ribeirinha, mais no decorrer da narrativa apresentou o espaço urbano de uma cidade amazônida do século XIX, Óbidos, tendo como protagonista Miguel Fernandes Faria, um matuto ribeirinho herdeiro de um sítio governado após a morte de seu pai, por sua mãe Ana Fernandes situado do Paranameri.

Em sua produção de expressão amazônida, o autor se destacou como figura de grande importância para a sociedade brasileira, ao utilizar sua criatividade literária para narrar os traços sociais amazônidas presentes nas tramas de seus romances. Ambientadas em espaços ribeirinhos e urbanos, seus *feuil-*

letons-romans revelaram a originalidade cultural da Amazônia e são reconhecidas como valiosos documentos sociológicos, capazes de refletir a complexidade das relações humanas e ambientais na região.

Os folhetins, reunidos em livros editados e publicados, passaram a iluminar a maneira como a região amazônica começava a ser percebida como um lugar viável para a literatura além de sua biodiversidade, retratando as relações estabelecidas pelos habitantes. Desta forma, conforme Paulino (2018, p. 84), a narrativa ingleziana serviu de voz às minorias tradicionais esquecidas dentro da Amazônia, impondo desta forma, uma ‘crise no pensamento burguês local de cultura europeia’, que desconsiderou essas vozes na apresentação ao mundo do ser amazônida.

As ressonâncias contemporâneas de Inglês de Souza têm mostrado os diversos prismas que compõem a Amazônia, abordando dentro de seu conjunto da obra temas essenciais a serem discutidos como exploração indevida, conflitos sociais, questões ambientais e temas de pertencimento regional miscigenados a elementos culturais como fontes essenciais de identidade de ser e viver na Amazônia e as suas vozes locais. Neste sentido, “pensar a viabilização da literatura enquanto ferramenta de prática de vida é dimensionar as amazonidades de modo amplo” (Andrade; Cunha; Rodrigues, 2023, p. 239), abre caminhos para que a literatura seja essencialmente amazônida.

As narrativas que compõem a obra de Inglês nos apresentam os protagonistas como personalidades marcantes que não vivem narrativas com desfechos previsíveis vestidos de heróis que do início ao fim especulamos que haverá um ‘felizes para sempre’. Nem sempre. A trilogia romanesca de Inglês revela que seu final é imprevisível, frequentemente colocando o protagonista em situações desafiadoras. Às vezes, ele se vê em um sítio com reviravoltas impiedosas, ou partindo em um navio a vapor afastando-o de sua origem ou ainda, renegando todo o seu molde de civilidade europeia para internalizar-se dentro da própria origem matuta na Amazônia.

A Amazônia ingleziana como espaço de ruptura estética

Os *feuilletons-romans* de Inglês de Souza formam uma teia com um estilo narrativo marcado por uma linguagem que torna a tessitura uma ponte de ligação entre o leitor-autor-obra, aprofundando nas situações narradas, uma aproximação da realidade amazônida. As narrativas instituem um mosaico que retrata o modo de vida ribeirinho, onde cada história liga à outra, formando um panorama de dinâmicas socioculturais na região do baixo Amazonas.

Influenciado por romancistas franceses, Inglês incorporou em sua literatura as epistemes amazônidas evidenciadas em cada personagem que compõe sua obra maior, que é *Cenas da Vida Amazônica*, uma trilogia composta de romances unicamente amazônicos: *História de um Pescador* (1876), *O Cacau-lista* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877). Após essa tríade, Inglês de Souza publicou um quarto romance, *O Missionário* (1891).

Posteriormente seus romances, o escritor produziu *Contos Amazônicos* publicado em 1893, que contém nove histórias sobre várias tramas estruturadas em crônicas amazônicas, destacando aspectos puramente amazônicos e recompondo a história brasileira na Amazônia da época em que Inglês de Souza viveu. Alguns desses aspectos, conforme Leandro (2010), eram inexistentes para boa parte da História do país, razão pela qual, a série de contos conseguiu colocar a Amazônia como cena de conflitos sociais e pessoais, dramas cotidianos, relação do imaginário mítico e encantamento com aspectos realistas da vida citadina e ribeirinha.

Embora escape da forma naturalista, nesse texto em específico, Souza produziu uma obra original, regionalizada e de leitura agradável. Com pedaços da História do Brasil, ele colocou como pano de fundo um período de turbulência sociopolítica no País (Guerra da Cabanagem, 1835-1840; Guerra do Paraguai, 1864-1870), bem como questões religiosas e gênero. Seus contos revelam o jeito de ser e viver do povo do Baixo Amazonas, principalmente ribeirinhos, tapuios, índios, caboclos e cabanos. Sua voz tornou-se voz da gente

marginalizada, que vive uma permanente pressão do progresso dos centros urbanos (Neves; Paulino, 2021, p. 21).

A forma como o escritor Souza delineia as agitações sociais, torna cada ato narrativo a continuação do outro e que a cada leitura, nos exige a perspicácia em encontrar o que de fato os une, o eixo da trama que carrega consigo as ideias, proposições e narrações que devem ser considerados para que tenha sua validade epistêmica (Paulino, 2021). Esse eixo move o modo comportamental de cada personagem, que é indissociável de sua cultura de origem.

A literatura de Inglês traz à tona traços internalizados dentro da floresta amazônica como os conflitos nunca antes explicitados nas literaturas referentes à Amazônia, principalmente as relações humanas estremecidas no seu interior. Assim como Zola, Souza descortinou a região da visão da biogeocenose e elevou as interações das populações observando por outro prisma os detalhes culturais e sociais apresentados juntos à existência amazônica.

Essas nuances revelam quão rica e diversificada foi e continua sendo a Amazônia e como o escritor apanhou todos os fatos ocorridos no século XIX e imergiu na região narrada nos romances, tornando-a não apenas um palco simples onde atores reproduzem; colocou sua terra em sintonia com os fatos que transformaram o Brasil da época.

Como qualquer outra parte do nosso país, percebemos a Amazônia como uma região com seus espaços geográficos diversificados. Eles foram colocados por Souza como espaços da realidade cotidiana dos seres amazônidas e cada um desses, conduzindo eventos mostrados pelo literato com detalhes vividos pelo ser do meio urbano e o ser do meio rural revelando a intrínseca ligação e dependência contínua entre homem e a floresta. A essa apresentação do ser amazônida, Paulino chama de “condição amazônida” de ser e viver, ou seja:

Ousamos, sem a pretensão de universalismo literário, apresentar o desafio de pensar uma possível *condição amazônida de uma época*,

aproveitando que o mundo nas últimas décadas tem passado por novas configurações em seus modelos sociais, redefinindo a si a partir de conceitos do tipo sustentabilidade, ecologismo, ambientalismo, preservação, conservação, devastação, exploração, resistência, entre outros. A condição amazônica de uma época é uma proposta provocativa porque nela há o encontro severamente conflituoso e o debate efervescente do jeito colonizador de pensar o meio ambiente sob a lógica da exploração de recursos naturais em embate com lideranças de populações tradicionais que, cientes da fragilidade da floresta, exigem sua preservação (Paulino, 2014, p. 544).

Nesse contexto, é relevante destacar também a perspectiva adotada por Zola em seus romances, conforme nos depõe Cara, ao afirmar que “enquanto transformação e permanência de estruturas sociais, onde aos destinos humanos não caberiam previsões nem leis inevitáveis” (Cara, 2010, p. 102). Assim também, a literatura tecida por Inglês tece duras críticas às literaturas e seus escritores sobre a maneira como construíam e apresentavam a região amazônica apenas da ótica da biodiversidade, esquecendo que os indivíduos que existem dentro dela têm fundamental importância a partir de suas existências, seus trejeitos, mazelas sofridas e formas como tecem suas histórias.

Não cessam os livros de falar da grande fertilidade das nossas terras. Os autores desses livros não chegam a ver senão a superfície das coisas. Demais, eles não conhecem as nossas condições de existência! Sabeis o que é ser pobre no Amazonas? É ser escravo. É ser pior do que isso (Souza, 1990, p. 49).

O próprio escritor-narrador se impressiona e se revolta perante o retrato do caboclo dentro de sua terra natal ser retratado nas diversas literaturas de forma pitoresca, selvagem, invisibilizada e não colhendo o que também é fundamental na Amazônia: as efervescências da vida interiorana, dando forças à sua descrição às épocas cruciais do Brasil do século XIX, envolvendo tramas com enquadramentos sociais enraizados na estrutura política e econômica colonizadoras.

Inglês de Souza utiliza sua experiência na Amazônia para retratar o habitante da floresta além dos estereótipos do ser indô-

mito, oferecendo uma leitura à luz das crises atuais. Ao situar sua escrita nas tensões entre a oligarquia monárquica e o positivismo republicano, o autor registra a gênese da colonialidade e da crise ambiental no Brasil. Assim, sua obra funciona como uma memória longa da catástrofe, revelando como a lógica do progresso da época iniciou processos de invisibilização de sujeitos e degradação que culminariam no antropoceno contemporâneo.

A descrição que o autor faz dos personagens dentro da região envolvendo fauna, flora, flúvio e firmamento influenciavam na vida do ser amazônida e as tomadas de decisões no decorrer das histórias. Desse modo, a abordagem ingleziana é semelhante a que se encontra na engenharia literária de Zola em que se adquire um forte teor de “denúncia ao concentrar-se nos grupos marginalizados da sociedade, demonstrando que o emprego de métodos científicos na literatura não desumaniza os personagens, mas intensifica a crítica social e torna suas consequências mais contundentes e inescapáveis” (Santos; Kunrath, 2025, p. 19).

O protagonismo exigido por Inglês de Souza em suas obras é sobre o ser amazônida, cunhado em seus costumes, hábitos de sua própria origem e também expondo seu comportamento moral na literatura, devido às situações vivenciadas tanto no âmbito social e político da época em que esteve presente. Essa relação social do amazônida exposta por Souza em sua obra reflete uma hierarquia entre colonizador e colonizado, produtores e pequenos agricultores e pescadores da época (Trindade, 2013).

Inglês de Souza procurou com sua literatura, estabelecer as relações sociais existentes na Amazônia e seus enfrentamentos, destacando sua ânsia em demonstrar as causas determinantes para aquela condição amazônida da época (Josef, 1963), por meio de seus enredos cheios de detalhes sobre a sociedade amazônica à época invisível ao restante do Brasil. Assim, a leitura de Inglês de Souza é um convite para uma percepção profunda dos modos de vida do ser amazônida, rompendo conceitos de que o matuto amazônida dever ser ignorado ou superficializado, afastando-o de sua identidade cultural amazônida.

Em síntese...

Inglês de Souza, o primeiro romancista amazônida, se destacou pela capacidade de colocar a Amazônia como importante inspiração literária dentro da literatura brasileira. Seus *feuilletons-romans*, *História de um Pescador* e *O Cacauleta* buscaram a identidade do ser amazônida numa época em que este era visto de forma inferiorizada não só na literatura, mais por toda uma sociedade que não reconhecia a região de forma profunda.

Assim como Zola expunha as mazelas sociais de uma França endurecida, Inglês de Souza buscou retratar os dramas vividos pelos habitantes da Floresta como desigualdades e conflitos sociais. A literatura de expressão amazônida de Inglês de Souza é uma ficção que revela as realidades locais da Amazônia, necessariamente da região do Baixo Amazonas do século XIX, alcançando novas dimensões, que ultrapassam a questão da narrativa de um evento, sendo apropriado referir-se a sua obra literária como um documento sociológico. Ao ler Souza, temos a ideia de que é possível apreender uma realidade epocal com significações maiores do que era a Amazônia olhada naquele período.

A literatura de Inglês de Souza transcende o registro oitocentista para se consolidar como um arquivo ético indispensável ao pensamento contemporâneo. Ao invés de um cenário inerte, a exuberância da Amazônia com seus rios, flora e fauna, o autor emerge como um organismo vivo que desafia a lógica de exploração iniciada no período colonial e agravada na crise ecológica atual. Esta escrita não é apenas representação do passado; é um dispositivo de memória que documenta a interação vital entre os componentes naturais e a identidade humana, resistindo à visão da floresta como mera fonte de recursos para o capital.

Neste contexto, a narrativa amazônida funciona como uma forma de resistência contra a invisibilização dos sujeitos e do território. A complexa teia de vida descrita por Inglês de Souza convoca o leitor a uma nova imaginação do humano, na qual a existência biológica e a cultura estão intrinsecamente ligadas. Mais do que um chamado à preservação, sua obra é

um testemunho da memória longa da catástrofe que ameaça o ecossistema desde a colonização, reafirmando a literatura como o meio eficaz para unir a consciência ética à urgência de proteger o patrimônio da vida no antropoceno.

Portanto, podemos afirmar que Inglês de Souza é um escritor singular que valoriza o ambiente amazônico como fonte de inspiração literária. Sua obra revela uma arquitetura narrativa própria, articula o contexto natural e social da Amazônia oitocentista, e explora com sensibilidade espaços físicos e simbólicos da região. Ao fugir de repetições e parâmetros preconceituosos da cultura branca europeia, Souza constrói um prisma de realidades locais, expondo de maneira autêntica trejeitos, modos de vida e subjetividades do povo amazônida.

Referências

CARA, Salette de Almeida. Realismo e perda da realidade: o naturalismo de Zola. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 15, n. 14, p. 100-111, dez. 2010.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

FABRINO, Ana Maria Junqueira. *História da literatura universal*. 2 ed. Curitiba: Intersaberes, 2017.

FERREIRA, Marcela. *Inglês de Sousa: imprensa, literatura e Realismo*. 2015. 307f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

GONÇALVES, M.M.; NOGUEIRA. M.G.C.; PERES. V.S. Análise pós-colonial da obra O missionário, de Inglês de Sousa: a influência missionária na região amazônica. *Revista Igarapé, Porto Velho (RO)*, v.14, n. 4, p. 50-63, 2021.

JOZEF, Bella. *Inglês de Sousa: Textos escolhidos*. Col. Nossos Clássicos nº 72. Rio de Janeiro; Agir. 1963.

KAVISKI, Ewerton. *Literatura brasileira: uma perspectiva histórica*. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LEANDRO, Rafael Voigt. Inglês de Sousa: Amazônia, história e ficção. *Revista Água Viva*, v. 1, n. 2, 2010.

NEGER, Raquel Ripari. *Inglês de Sousa e a Belle Époque Amazônica: Um Estudo sobre a ‘Civilidade’ e a ‘Matutice’ na Óbidos do Século XIX*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, 2018.

NEVES, Francenilce S.P.; PAULINO, Itamar R. Inglês de Souza: Sua vida e sua arte de “literar”. *Biografias e Decolonialidades: a Literatura de expressão amazônica e o universalismo poético paraense*. Orgs, v.2 – Curitiba, CRV: 2021.

MEYER, Marlyse. De estação em estação com Machadinho. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 437-465.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: do realismo à belle époque*. São Paulo: Cultrix, 2016.

OKAMOTO, Monica Setuyo. A cultura brasileira no imaginário francês: da independência aos primeiros tempos da República. *Travessias*, Cascavel, PR, n. 1, p. 9-12, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/7020/702078411009.pdf>. Acesso em: 29 out. 2025.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Introdução. In: SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PAULINO, Itamar Rodrigues. Eixo epistemológico. In: Caixeta, Ana Paula Aparecida; Barroso, Maria Veralice. *Verbetes da Epistemologia do Romance*. Vol. 2/ Organizadoras. 1. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2021.

PAULINO, Itamar Rodrigues. A Amazônia entre culturas, identidades e memórias. Em: LIMA, Rogério e MAGALHÃES, Maria da Glória (orgs). *Culturas e Imaginários: Deslocamentos, Interações e Superposições*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

PAULINO, I. R. Entre les remous de l'imaginaire et les houles du réel : un regard sur la littérature amazonienne brésilienne dans la contemporanéité. Em OLIVIERI-GODET, Rita (org.). *Cartographies littéraires du Brésil actuel*. Éditions Scientifiques Internationales. Bruxelles: P.I.E-Peterlang, 2016. v. 14. 540-553.

RIO, João do. *O Momento Literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

SALES, Germana Maria De Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Revista Entrelaces*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 44-56, ago. 2007.

SANTOS, Edimara Ferreira; ARAÚJO, Joseane Sousa. A circulação dos romances-folhetins na Belém oitocentista. *Moara – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, Universidade Federal do Pará, n. 52, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/download/7810/5774>. Acesso em: 14 out. 2025.

SANTOS, K. N. R. dos; KUNRATH, M. H. A simbologia da revolta em *Germinal* (1885) de Émile Zola. *Literatura e Autoritarismo*, n. 44, e88422, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X88422>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/88422>. Acesso em: 20 out. 2025.

SIMÕES Jr., A. S. Between Zola and Eça: Brazilian Naturalism at its zenith (1888). *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 4, n. 1, p. 11-20, 2012. ISSN 2177-3807, 2012.

SILVA, Marli Teresinha da. Alexandre Dumas: leituras machadianas e permanência do escritor na atualidade. *Garrafa*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 47, p. 280-301, jan./mar. 2019.

SOUZA. Herculano Marcos Inglês de. *História de um pescador*. Cenas da vida do Amazonas. 2ª ed. Belém, FCPT/SECULT: 1990.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2. ed.rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

TRINDADE, Maria de Nazaré Barreto. *Entre cacauais e paraná-mirins: cultura e identidade em “Cenas da vida do Amazonas”*. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível online: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4777>. Acesso em: 23 out. 2025.